



## “A igreja do Diabo” em sala de aula: a importância do trabalho do texto literário em forma de projeto

### *“The Devil’s Church” in the Classroom: The Importance of the Work of the Literary Text in the Form of Project*

Michael Jones Botelho

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo/ Brasil

michael\_jonesb@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0778-5272>

**Resumo:** Este artigo pretende promover uma reflexão acerca da prática pedagógica do trabalho do texto literário em forma de projeto, levando em consideração o contexto e o cotidiano do aluno, bem como os desafios relacionados ao hábito da leitura a que os professores de literatura são submetidos. O *corpus* deste estudo é o conto “A igreja do Diabo” (1883), de Machado de Assis, texto que serviu como base para um projeto escolar desenvolvido em sala de aula, de uma escola privada, com o objetivo final de elaborar um vídeo, resumindo o conto machadiano por meio de um discurso semelhante a uma fofoca, com o intuito de publicá-lo na plataforma TikTok e divulgá-lo nessa rede social, visando a persuasão e captação de mais jovens à leitura do conto.

**Palavras-chave:** formação de leitores; Machado de Assis; projeto; aprendizagem significativa.

**Abstract:** This article intends to promote a reflection about the pedagogical practice of the work of the literary text in the form of a project, taking into account the context and the daily life of the student, as well as the challenges related to the habit of reading to which literature teachers are submitted. The corpus used for this study is the tale “The Devil’s Church” (1883), by Machado de Assis, a text that served as the basis for a school project developed in the classroom of a private school, with the final objective of to prepare a video, summarizing the Machadian tale through a speech similar to a gossip, with the aim of publishing it on the TikTok platform and disseminating it on this social network, aiming at the persuasion and capture of more young people to read the aforementioned tale.

**Keywords:** formation of readers; Machado de Assis; project; meaningful learning.

Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola.

(LAJOLO, 1994, p. 7)

## 1 “A boa-nova aos homens” – desafios da leitura em sala de aula

Ser professor de Literatura na era digital configura-se como um desafio a ser vencido: por um lado, temos o descrédito e desprestígio dessa disciplina no ambiente escolar – grande parte dos alunos consideram como arcaica e desnecessária a leitura de textos literários canônicos, até mesmo de escritores contemporâneos, já que há um apreço maior pela leitura de textos mais curtos, preferencialmente em suportes digitais –, por outro, há os que encaram como árdua a tarefa de ler, visto que, para muitos, a prática de leitura de textos literários canônicos é bastante exígua, quase inexistente. Isso não quer dizer que os jovens não leiam, muito pelo contrário, as leituras deles perpassam os mais diferentes gêneros textuais e suportes discursivos: se pensarmos em redes sociais temos o Instagram, Facebook, Twitter e TikTok, aos quais os alunos passam boa parte do tempo conectados, lendo os mais variáveis tipos de textos, verbais e não-verbais.

Todavia há, também, os estudantes que optam pela leitura do livro na versão física, entretanto, raramente são os que leem textos considerados clássicos, seja da literatura brasileira, seja da literatura universal, a grande maioria das leituras são voltadas a livros de magia/ficção científica e de cultura de massa. A este respeito o escritor Ítalo Calvino comenta: “De fato, as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência de vida.” (CALVINO, 1993, p. 10). Cabe, portanto, às famílias e à escola essa instrução do jovem ao caminho da prática da leitura de textos literários, não desmerecendo essas leituras que mais os agradam, mas tomando-as como base para o amadurecimento do leitor por meio de textos mais complexos e de valor literário, assim como corrobora Leyla Perrone-Moisés no excelente livro *Mutações da literatura no século XXI*:

[...] a leitura de boas obras literárias começa nas famílias em que há leitores, e isso é cada vez mais raro. E continua na escola, onde os professores têm por função mostrar que a leitura é um prazer, e não

uma obrigação. Isso, também, é cada vez mais raro. Afogados na cultura de massa, os jovens leitores são privados de uma riquíssima herança que ignoram. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 48)

Assim, como explicitado pela autora, é imprescindível que os jovens não somente saibam, mas experimentem, na prática, o prazer, o encantamento e, muitas vezes, a diversão que a leitura traz. É necessário que a sociedade, como um todo, crie gatilhos que contribuam para as boas práticas da leitura, como a adaptação televisiva de clássicos da literatura em forma de minissérie<sup>1</sup>, a promoção de espetáculos teatrais, ou mesmo a acessibilidade do jovem à compra de um livro, tão oneroso em nosso país. Tais práticas despertam o interesse pelo livro e acabam fomentando a formação de um público leitor. Em consonância a essas proposições, Marisa Lajolo comenta em seu importante livro formativo *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*:

[...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (LAJOLO, 1994, p. 7)

Mas como romper essa barreira entre o aluno que não tem o hábito da leitura e o ato, em si, de pegar um texto literário e lê-lo, sem ser uma obrigação? De que forma se deve trabalhar um texto clássico em sala de aula? Para tentar responder a essas perguntas e a outros questionamentos acerca desses assuntos, o presente artigo se propõe a mostrar e discutir um projeto de leitura de um texto literário canônico promovido em sala de aula que conseguiu ultrapassar essa barreira, excedendo os limites da sala de aula e chegando ao ambiente virtual angariando, assim, novos possíveis leitores. Em consonância a essa premissa da existência de uma comunidade de leitores formada e alimentada por meio de projetos escolares, Rildo Cosson afirma:

---

<sup>1</sup> Como exemplo, a aclamada minissérie *Capitu*, produzida pela Rede Globo de televisão em 2008. Essa série é uma excelente (e fiel) adaptação da obra machadiana *Dom Casmurro*, confeccionada para comemorar o centenário de morte de Machado de Assis. Além de ser laureada com diversos prêmios, a recepção do público foi muito positiva e, decerto, fez com que Machado ganhasse mais leitores após a exibição.

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura [...] mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma o seu poder de humanização. (COSSON, 2021, p. 23)

O texto literário que serviu como base a esse projeto é o conto “A igreja do Diabo”, de Machado de Assis, que, além de ser um texto canônico, serviu para desmistificar tabus que rondam este escritor e que estão muito em voga na contemporaneidade, a citar o caso do *influencer digital* Felipe Neto que, em um de seus tuítes, alega que a escola presta um “desserviço” quando força os adolescentes a lerem obras clássicas do Romantismo e Realismo brasileiros e que: “Álvares de Azevedo e Machado de Assis NÃO SÃO PARA ADOLESCENTES” (FORÇAR..., 2021). Desserviço prestado foi o do próprio Felipe Neto que influencia os seus milhares de seguidores a irem na contramão do que a escola, a tanto custo, construiu. Em uma geração em que um *youtuber* detém um maior poder no discurso persuasivo e formativo de opinião do que um professor, este precisa remar contra a maré para fazer com que os alunos percebam que a escrita machadiana não é difícil e arcaica e que, ao contrário do que Felipe Neto afirma em sua rede social, Machado de Assis é, sim, para os adolescentes e o projeto foi feito para comprovar essa tese, que será discutida a seguir.

## 2 “Entre Deus e o Diabo” – o conto e as entrelinhas

O conto “A igreja do Diabo” foi publicado originalmente no jornal *Gazeta de Notícias*<sup>2</sup>, na edição de número 48 do dia 17 de fevereiro de 1883, e um ano depois reunido no livro *Histórias sem data* (1884), da editora Garnier. É o primeiro de 18 contos que, como Machado observa em sua advertência, apesar do texto aqui em causa ter uma data de publicação, o foco das histórias escolhidas para fazer parte da obra não é fruto de uma data específica, marcando ainda mais a atemporalidade dos textos.

---

<sup>2</sup> Edição original do jornal *Gazeta de Notícias*, exposto no site da Hemeroteca Digital Brasileira, disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730\\_1883\\_00048.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00048.pdf). Acesso em: 23 nov. 2021.

É possível notar características singulares da escrita machadiana em “A igreja do Diabo”, como a ironia intrínseca ao texto, desde a escolha do título do conto até a seleção lexical que Machado magistralmente emprega em sua obra, como podemos observar nas passagens em que o Diabo fala diretamente com Deus e este sempre demonstra certo desprezo por aquele: “Mas recolheu o riso e disse [...]” (ASSIS, 2016, p. 370); “Olha; todas as minhas legiões mostram no rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás.” (ASSIS, 2016, p. 371); “[...] não o repreendeu, não triunfou sequer, daquela agonia satânica. Pôs os olhos nele, e disse-lhe: — Que queres tu, meu pobre Diabo?” (ASSIS, 2016, p. 376). Nestes excertos é possível detectar a ironia refinada e, por vezes sarcástica, de Machado ao retratar os diálogos travados pelos antagonistas em que Deus figura-se como um personagem inusitado, quase debochado, se comparado aos preceitos cristãos ocidentais, no momento em que segura o riso para não rir do Diabo, ou ainda quando revela que seu discurso é tedioso ou até mesmo quando se refere a ele usando um adjetivo nada convencional à figura diabólica juntamente com o pronome possessivo.

Outro traço marcante nesta obra de Machado é a presença da intertextualidade, reveladora do grande eruditismo e conhecimento que ele detinha não só da literatura nacional, mas dos principais cânones literários universais: “— Não venho pelo vosso servo Fausto – respondeu o Diabo rindo...” (ASSIS, 2016, p. 370); “A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Iliada* [...]” (ASSIS, 2016, p. 372). Percebemos, nesses trechos, a referência explícita às obras *Fausto*, de Goethe, e *Iliada*, de Homero, excertos esses que mantêm uma relação íntima com o enredo proposto por Machado. O primeiro diz respeito à cena em que o Diabo acaba de chegar ao Céu e relata que não veio a mando do “vosso servo Fausto”, evocando a figura do médico que fez um pacto com o demônio Mefistófeles para torna-se rico e famoso após sucessivas decepções com a ciência; o Diabo, do conto machadiano, também estava desiludido por sentir-se desorganizado e “[...] humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos” (ASSIS, 2016, p. 369). Já o segundo trecho corresponde aos preceitos que o Diabo elaborou para a sua Igreja, dentre eles a Ira, pecado capital que ele toma como uma virtude dentro da sua religião e que é legitimada pela referência ao herói grego Aquiles, personagem principal da Guerra de Tróia e que tinha como um dos seus atributos ser colérico.

No que tange aos aspectos paratextuais do conto, verificamos que ele é dividido em capítulos, característica pouco comum a esse gênero textual. Essa divisão colabora para atribuir ao texto um ar de realidade e fidelidade, visto que, de acordo com o narrador, se trata de uma história transcrita a partir de um “velho manuscrito beneditino”. Há outros quatro contos, dentro do livro *Histórias sem data*, que apresentam divisão capitular, entretanto somente o conto intitulado “Conto alexandrino” é que possui subtítulos em seus quatro capítulos, da mesma forma com que ocorre em “A igreja do Diabo”.

Todas essas características intrínsecas a esse conto de Machado de Assis convergem para aquilo que se chama *literariedade*, ou seja, a característica que o texto literário possui em empregar um uso desviante da linguagem, assim como corrobora o professor Roberto Acízelo: “[...] conjunto constituído por composições dotadas de propriedades especiais, que basicamente consistem na exploração do potencial de autorreferência da linguagem verbal, bem como da sua capacidade de instalar espaços imaginários ou ficcionais.” (SOUZA, 2018, p. 43). Tais espaços é que fazem o leitor imergir em mundos ficcionais, se emocionar e aprender por meio de experiências que somente a literatura é capaz de oferecer àquele que se arrisca a se aventurar em suas entrelinhas.

Na primeira parte do enredo, intitulado “De uma ideia mirífica”, o narrador heterodiegético inicia o conto com a seguinte exposição: “Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a ideia de fundar uma igreja.” (ASSIS, 2016, p. 369). Iniciar o texto expondo que a história a ser contada é baseada em um manuscrito dos padres beneditinos, serve para legitimar as informações contidas no enredo e trazer verossimilhança à narrativa, mostrando ainda mais o interesse de Machado em aproximar a história com um fato realmente ocorrido. A este respeito Regina Zilberman, em seu livro *Teoria da literatura I*, comenta:

Contudo, não é imaginação que garante o literário, mas a coerência com que se apresenta. Não que o escritor não possa exacerbar a própria fantasia, esticando-a ao máximo. Mas quando a traduz em palavras ele não pode perder a verossimilhança, porque precisa convencer o leitor de sua “realidade”, mesmo que ela seja fantástica. (ZILBERMAN, 2012b, p. 35)

Esse “convencimento” do leitor a uma realidade criada pelo autor acontece na aproximação do texto com figuras históricas bastante conhecidas do imaginário popular: a Ordem de São Bento, ou Ordem Beneditina como é mais conhecida, é a ordem religiosa católica mais antiga de clausura monástica. Os padres beneditinos ficaram conhecidos como grandes tradutores de textos religiosos e pagãos da Idade Média, por esse motivo é que Machado de Assis faz essa alusão, em três momentos de seu texto, para garantir que a fama dos manuscritos beneditinos perpassa a sua própria obra.

De acordo com esses manuscritos, o objetivo do Diabo era acabar de vez com as outras religiões do mundo, uma vez que elas são díspares e desunidas. Ele afirma que a sua igreja seria unificada no mundo todo e contaria com seus próprios preceitos:

Escritura contra escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico [...] E, depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única... (ASSIS, 2016, p. 369)

Em seguida, no capítulo “Entre Deus e o Diabo”, o demônio resolve comunicar essa ideia a Deus e sobe ao céu para fazê-lo. O narrador nos descreve que neste momento Deus estava recolhendo um ancião que acabara de chegar ao Paraíso e o Diabo, em tom sarcástico, diz: “[...] provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto.” (ASSIS, 2016, p. 370). É interessante notar a metáfora empregada por ele ao deixar explícito que o vazio do céu está diretamente relacionado ao alto preço – seguir os preceitos divinos e ser uma pessoa boa não é tarefa fácil e “barata” segundo o Diabo, e assim, deixa subentendido que em sua congregação a humanidade seguirá as virtudes do pecado, pois este é natural e legítimo ao ser humano. Deus não demonstra resistência a esse comunicado e pede que o demônio vá e comece a sua empreitada.

Na terceira parte, “A boa-nova aos homens”, o Diabo coloca em prática o seu plano de formar a sua igreja e persuadir os fiéis a aderirem a esse novo conceito religioso. O narrador descreve todas as regras e preceitos que as pessoas deveriam seguir para poderem se tornar praticantes da Igreja do Diabo: as virtudes de antes deveriam ser desconsideradas e substituídas

por tudo o que é considerado pecado, com foco nos sete pecados capitais, base de sua doutrina. Em sua Igreja estava proibido perdoar injúrias, fazer caridade e respeitar o próximo. Cabe ao fiel “[...] cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição [...] não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo.” (ASSIS, 2016, p. 374).

No quarto e último capítulo, “Franjas e Franjas”, ocorre o clímax do enredo, retratado na reviravolta que acontece quando o Diabo descobre, após anos de ascensão exponencial da sua igreja, que seus fiéis, às escondidas, voltaram a praticar as boas virtudes. O narrador elenca uma série de atitudes dos fiéis que assombraram o Diabo, dentre elas a “[...] de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e com o produto das drogas socorria os filhos das vítimas.” (ASSIS, 2016, p. 375). Pasmado e raivoso, o Diabo regressa ao céu para inquirir Deus sobre as razões dos seres humanos cometerem tal aleivosia contra a sua instituição diabólica. Este, complacente, ouviu com bondade e sem julgamentos toda aquela “agonia satânica” e profere a célebre frase final do conto: “Que queres tu? É a eterna contradição humana.” (ASSIS, 2016, p. 376). Contradição esta que se desdobra na condição humana de nunca estar satisfeito com o que possui, todavia, essa fala divina também retrata a dualidade do ser humano, constantemente envolto entre o bem e o mal, em um caminho de escolhas contraditórias entre essas duas vias antitéticas. A fala que fecha o conto descreve muito bem o espanto de Deus frente a essa condição intrínseca das pessoas.

### **3 “De uma ideia mirífica” – leitura e aprendizagem significativa**

É a partir desse moderno e arrojado conto que surge a ideia, porque não mirífica, de trabalhá-lo em forma de projeto, no qual os alunos se sintam incluídos e, acima de tudo, tenham prazer em fazê-lo<sup>3</sup>. Por muitas vezes os professores, pressionados pelo sistema burocrático avaliativo que impera em grande parte dos estabelecimentos de ensino, erroneamente impõem o modo como o texto literário deva ser lido e cobrado, não dando a oportunidade para que o aluno contribua ativamente na maneira como ele gostaria que o texto fosse trabalhado. Essa prática limita o protagonismo

---

<sup>3</sup> O projeto aqui descrito foi desenvolvido pelo autor desse artigo na escola em que leciona.

estudantil e, por conseguinte, engessa a criatividade do educando, assim como explicita Márcia Abreu: “A escola ensina a ler e a gostar de literatura. *Alguns* aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal.” (ABREU, 2006, p. 19, grifo da autora). Com base nessas reflexões e atentando-se para não cair no ciclo vicioso de formar alunos que apenas transmitam, assim como robôs, o que foram programados para falarem acerca da obra literária lida em sala, é que surgiu o Fofoca Literária.

Esse projeto partiu de uma iniciativa, extremamente atual, em publicar vídeos curtos resumindo obras literárias na plataforma TikTok, um aplicativo de mídia cuja principal função é criar e compartilhar vídeos curtos, de até 60 segundos. Lançado no ano de 2016 e possuindo quase 2 bilhões de usuários ativos, segundo o site do jornal *Exame*, neste segmento é o aplicativo que mais cresce, chegando a superar até mesmo os já consolidados Facebook, Instagram e WhatsApp (PANCINI, 2021). É dentro dessa heterogênea e miscigenada plataforma que surgiu, recentemente, um grupo de jovens intitulados de *booktokers*, uma espécie de “críticos literários” da geração Z, cujo principal objetivo é a narração, concisa, de histórias literárias em primeira pessoa, como se estivessem dentro do enredo, sendo um dos personagens. Essa contação é feita de uma forma bastante criativa e instigante, visto que o desfecho da obra literária não é revelado, fazendo com que o jovem, principal público-alvo, se sinta persuadido a procurar e ler o texto literário na sua integralidade.

Podemos citar diversos bons exemplos de jovens que se distanciam do já referido e equivocado *influencer*, e que, ao contrário dele, se aventuram a produzir esses vídeos em benefício da sociedade e fazem dessa prática uma excelente ferramenta para a formação de um potencial público leitor. Dentre esses benfeitores literários temos o jovem piauiense de 21 anos, Patrick Torres, produtor de mais de 30 vídeos<sup>4</sup> no modelo aqui já explicitado, que vão desde autores canônicos como Machado de Assis, Clarice Lispector e Dostoiévski a escritores contemporâneos como Rafael Montes e J. K. Rowling. Patrick comenta em uma entrevista concedida ao site Uol: “Muitas pessoas já disseram para mim que passaram a ler por causa dos vídeos.

---

<sup>4</sup> Conferir em seu canal oficial do TikTok: <https://www.tiktok.com/@patzzic>. Acesso em: 1 dez. 2021.

Pessoas que já tinham perdido o hábito, ou que nunca leram um clássico” (TORRES, 2021 apud COMO..., 2021). Esta fala vai ao encontro do que se propõe neste artigo: a leitura significativa e prazerosa do texto literário deve, muitas vezes, partir do contexto e do cotidiano do aluno que, atualmente, está intimamente inserido no ambiente virtual e nas redes sociais. Em consonância a esse fato, Lajolo comenta:

De modo geral, não se pode – e talvez nem se deva – fugir a alguns encaminhamentos mais tradicionais no ensino da literatura: por exemplo [...] a inscrição do *e* no *texto*, no *e* do *cotidiano* do aluno, entendendo que este cotidiano abrange desde o mundo contemporâneo (no que essa expressão tem, intencionalmente, de vago e amplo) até os impasses individuais vividos por cada um, nos arredores da leitura de cada texto. (LAJOLO, 1994, p. 16, grifo da autora)

Inspirados nessa boa prática de divulgação do texto literário e em consenso com o que afirma a professora Marisa Lajolo, o projeto Fofoca Literária foi promovido em turmas do nono ano do Ensino Fundamental Anos Finais, em uma escola da rede privada de ensino da cidade de São José dos Campos, São Paulo. O projeto teve a duração de, aproximadamente, três semanas, levando em consideração a leitura do texto literário em sala de aula e o tempo fornecido aos alunos para a feitura dos vídeos em suas respectivas residências. Na escola em que o projeto foi aplicado há um fomento, por parte da coordenação, de que o professor baseie o processo de ensino-aprendizagem por meio de projetos e incentive o protagonismo estudantil em seus diversos campos de atuação. Neste sentido, o projeto aqui em causa está em consonância à proposta da escola de uma formação integral, em que o aluno participa efetivamente do seu aprendizado.

Passando para as etapas do trabalho com o texto literário, primeiramente foi distribuído o conto em sua integralidade. Os alunos, sentados em círculo, foram motivados a falar o que sabiam a respeito de Machado de Assis, sobre leituras prévias de outras obras do autor e o que esperavam quanto à leitura do conto em causa. A grande maioria das respostas convergiu para um mesmo ponto: “A escrita de Machado é muito difícil.”; “Das vezes que li, entendi muito pouco.”; “O título deste conto parece ser interessante.”<sup>5</sup>. Percebe-se, pelas respostas, que há um possível

---

<sup>5</sup> Transcrição das falas de alunos que participaram do projeto.

entreve dos alunos no que concerne à escrita machadiana – parte dos mitos e tabus que rondam o escritor –, entretanto, a última resposta demonstra uma prévia interpretação do aluno ao notar que o título da obra é chamativo e convidativo à leitura.

A seguir fez-se a leitura do conto de forma colaborativa, em que os educandos foram substituindo a leitura do colega de forma espontânea e sucessiva. Terminada essa parte, foi feita a análise interpretativa, mediada pelo professor, e constatou-se que grande parte dos alunos tiveram êxito na compreensão e na interpretação do texto machadiano. Alguns estudantes demonstraram, até mesmo, espanto pelo fato de terem compreendido tudo a respeito do texto e surpresos pela percepção de que o conto não tinha uma escrita difícil e ininteligível, como anteriormente pensavam. Cumpre-se, aqui, um dos principais objetivos da escola: oferecer a oportunidade ao aluno de conhecer e fruir obras literárias de qualidade, quebrando (pre) conceitos e estereótipos que, erroneamente, povoam muitos escritores canônicos. Acerca desse papel da escola na formação integral do aluno, Regina Zilberman afirma:

O exercício dessa função que se mostra ao mesmo tempo cultural e política é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis por que se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor e de estímulo ao consumo de livros. (ZILBERMAN, 2012a, p. 16)

Findada a análise interpretativa, o professor explicou como seria desenvolvido o projeto e mostrou dois vídeos confeccionados por Patrick Torres – *booktoker* citado anteriormente – que serviram como sugestão para eles desenvolverem, de forma livre, os seus próprios trabalhos. Ao longo das aulas os alunos montaram o roteiro, elegendo as partes essenciais do conto, adaptaram a linguagem machadiana para os dias atuais e decidiram, de forma bastante criativa, que personagem dentro do enredo eles assumiriam a encenação.

Como produto final, gostaríamos de destacar três, das quarenta produções enviadas no total. Vale ressaltar que esse projeto, apesar de envolver todas as salas, foi optativo, cabendo ao aluno decidir se faria ou

não. Em um dos trabalhos a aluna se veste como uma religiosa fervorosa e relata os absurdos que andam acontecendo em sua cidade. Ela descreve que suas vizinhas estão frequentando uma igreja que diz ser do Diabo e que, desde então, coisas estranhas vêm acontecendo no vilarejo. O que mais chama atenção nesse trabalho é o figurino utilizado pela educanda (segura a Bíblia e um grande terço nas mãos) e a entonação com que ela fala, bastante próximo das conhecidas beatas da literatura brasileira.

Na segunda produção a ser destacada acontece algo bastante fora do comum – a aluna se veste de estrela cadente e diz estar passando pela terra naquele exato momento. Descreve, também, que percebeu um alvoroço entre os humanos pelo fato de o Diabo ter aberto a sua igreja. Com espanto ela cita que ouviu os burburinhos de que, para ser um praticante desta religião, as pessoas deveriam cometer os pecados capitais. Esta estudante foi bastante fiel ao enredo do livro e cita partes específicas da narrativa, como quando ela estava no céu e presenciou a cena em que Deus recolhia um ancião e ouve o deboche do demônio.

Já o terceiro vídeo, bastante original, foi elaborado por dois alunos – a menina se fantasiou de Diabo e o menino de Deus. O enredo que ambos confeccionaram foi totalmente adaptado e focou em um diálogo sarcástico em que Deus afirmava que o demônio não conseguiria levar adiante a empreitada que desejava. A edição do trabalho ficou bastante elaborada e ambos os educandos trouxeram detalhes da narrativa. Nos três vídeos os alunos não priorizaram o resumo do conto, mas retrataram, de forma bastante descontraída, a leitura que eles tiveram do texto, dando o seu próprio juízo de valor acerca dos acontecimentos narrados. Também é importante frisar que nenhum deles revelou o final do conto – a fala que encerra os três vídeos convida os espectadores a descobrirem o desfecho dessa curiosa história lendo o texto em sua integralidade. Grande parte dos alunos publicaram os vídeos no TikTok e relataram o significativo número de visualizações e comentários positivos acerca dos trabalhos, gerando uma interessante interação literária nessa rede social. Tal interação converge à premissa descrita anteriormente a respeito da formação de leitores impulsionada pela leitura significativa da obra literária, assim como corrobora Cosson:

[...] o ensino da literatura deve ter como centro a experiência do literário. Nessa perspectiva, é tão importante a leitura do texto literário quanto as respostas que construímos para ela. As práticas de sala de

aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. (COSSON, 2021, p. 47)

#### **4 “Franjas e Franjas” – considerações finais**

Com este artigo objetivamos debater sobre a importância e relevância do trabalho pedagógico do texto literário de forma lúdica e contemporânea. Constatamos que a leitura e a aprendizagem são verdadeiramente significativas quando o aluno é realmente inserido no processo de ensino-aprendizagem e tem a possibilidade de ser protagonista do seu próprio conhecimento. Destacamos, outrossim, a relevância que o professor, como mediador, deve dar ao contexto e ao cotidiano de vida dos educandos, levando em consideração os seus gostos, preferências e realidades.

Do mesmo modo nos propusemos a destacar a relevância que o texto literário de Machado de Assis deve ter nos estudos de literatura do Ensino Básico e, por conseguinte, promover a prática de leitura em sala de aula para que, assim, os mitos e tabus que injustamente rondam este magnífico escritor, caiam por terra. Entendemos, por outro lado, que a leitura e a fruição dos textos literários excedem os limites da escola, entretanto, vivemos em um país em que o acesso a esse bem vital não é do domínio público, assim como afirma Antonio Candido no seu artigo “O direito à literatura”:

Em nossa sociedade há fruição segundo as classes na medida em que um homem do povo está praticamente privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura de Machado de Assis ou Mário de Andrade. Para ele, ficam a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio. Estas modalidades são importantes e nobres, mas é grave considerá-las como suficientes para a grande maioria que, devido à pobreza e à ignorância, é impedida de chegar às obras eruditas. (CANDIDO, 2004, p. 186)

Em suma, pudemos constatar que o projeto aqui discutido atingiu o seu duplo objetivo: fazer com que os alunos desmistificassem a leitura do texto machadiano e, a partir dessa grata descoberta, elaborassem um trabalho que estivesse em consonância ao seu próprio cotidiano, tornando-o protagonista do seu aprendizado que passa, assim, a ser significativo. A adesão positiva e o grande engajamento dos educandos na realização e feitura deste trabalho, também é revelador dos ganhos e resultados que a educação

básica tem ao se trabalhar a literatura do jeito que ela naturalmente é: uma arte. A produção dos vídeos e a sua publicação na plataforma TikTok revelou, por fim, que podemos e devemos utilizar as mídias digitais para divulgar as obras literárias, comprovando, desta maneira, que o jovem chama o jovem por meio da sua linguagem, identidade e carisma. Vivemos em um tempo em que as fronteiras da literatura já não se esbarram mais nos estreitos limites do papel, assim sendo, é preciso navegar por mares nunca dantes navegados.

## Referências

ABREU, M. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ASSIS, M. de. *Todos os romances e contos consagrados*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 3.

CALVINO, Í. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 169-191.

COMO uma trend do TikTok tem feito jovens se iniciarem na literatura. Splash UOL, [S. l.], jun. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/06/08/nem-chato-ou-forcado-jovens-se-interessam-por-literatura-no-tiktok.htm>. Acesso em: 1 dez. 2021.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2021.

FORÇAR adolescentes a lerem romantismo e realismo brasileiro é um desserviço das escolas para a literatura [...]. [S. l.], 23 jan. 2021. Twitter: @felipeneto. Disponível em: <https://twitter.com/felipeneto/status/1352832461441560576>. Acesso em: 1 dez. 2021.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.

PANCINI, L. TikTok ultrapassa Facebook e vira app mais baixado do mundo. Exame, São Paulo, ago. 2021. Seção Tecnologia. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/tiktok-app-mais-baixado-do-mundo/>. Acesso em: 1 dez. 2021.

PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SOUZA, R. A. de. *Teoria da literatura: trajetória, fundamentos, problemas*. São Paulo: É Realizações, 2018.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: Ibpx, 2012a.

ZILBERMAN, R. *Teoria da literatura I*. 2. ed. Curitiba: IESDE, 2012b.